

---

## LÍTERATURA E MEMÓRIA NA POESIA DE JOSÉ LUÍS LIRA

*Leonardo Prudencio<sup>1</sup>*  
*Maria Edinete Tomás<sup>2</sup>*

**RESUMO** – É antiga a reflexão do homem sobre seu fazer e sobre sua busca de representar a realidade. Em se tratando de arte literária, as mais antigas referências sobre tal reflexão no mundo ocidental remontam à Antiguidade grega, onde filósofos chegaram a definir os conceitos básicos para estudo da questão. Este artigo teve como objetivo primeiro identificar como a realidade se manifesta no texto literário, curiosidade nascida do que falam autores como Gabriela Alves (2005), Aristóteles (2005) e Roland Barthes (2004) acerca da relação entre literatura e realidade. Para satisfazer tal curiosidade, desenvolveu-se pesquisa bibliográfica e elegeu-se a poética de José Luís Lira à qual aplicaram-se e discutiram-se os conceitos concentrados em torno da memória.

Palavras-chave: Realidade. Literatura. Memória. José Luís Lira.

### 1 INTRODUÇÃO

A literatura é um dos mais elaborados fazeres humanos e aquele que mais reflete a complexidade da vida e do homem. Isso ocorre porque a arte se espelha na realidade e busca fundamentalmente representá-la. No caso da poesia, este fato parece se tornar mais visível, especialmente porque aí o poeta tende a criar com elementos mais subjetivos, deixando antever sentimentos e percepções acerca daquilo que o rodeia.

O presente artigo investiga como se dá a representação da realidade no processo de elaboração da obra literária, mais especificamente da obra poética de José Luís Lira, com base na qual discute os con-

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

<sup>2</sup> Orientadora; professora do curso de Letras; Universidade Estadual Vale do Acaraú – (UVA).

ceitos básicos, subsidiando-se em autores como Aristóteles (2005) e Barthes (2004), dentre outros.

A temática adquire relevância maior no âmbito acadêmico dos cursos de Letras por discutir questões relativas à compreensão do fazer literário. Espera-se que o trabalho possa contribuir também para divulgar produções artísticas relacionadas com a literatura cearense.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de natureza analítica e descritiva. Partiu do pressuposto de que o processo de criação da obra de arte só se concretiza com base na realidade (objetiva ou subjetiva), porque a intenção daquela é, senão representar, pelo menos demonstrar esta, como defende Barthes (2004). Nessa perspectiva, como se comprovaria essa intenção no caso da obra de ficção verbal?

A pergunta acima ajudou a definir os demais procedimentos do estudo, entre os quais investigar-se o que dizem os teóricos a respeito do assunto e identificar a obra literária de um autor na qual a ocorrência pudesse ser comprovada, inclusive por meio de documentos fora do universo artístico e de circulação social mais ampla.

A pesquisa teórica apontou a memória como um dos principais recursos possibilitadores da articulação realidade-literatura no processo de criação da obra de ficção. Para o segundo procedimento – identificação da obra literária para se discutirem os conceitos – chegou-se à obra ficcional de José Luís Lira, da qual se fez um recorte, optando-se pela poesia. Definiu-se tal recorte sobretudo pela disponibilidade de informações complementares dos objetos decantados através de discursos publicados pela mídia virtual e impressa.

Nos poemas estudados percebeu-se a tendência do autor em referir-se à realidade por meio da recordação de fatos vividos, sendo recorrente a menção às pessoas que maior influência tiveram na sua vida, fato que pode ser comprovado pelos documentos acima referidos. Assim sendo, escolheram-se três recorrências: pais, monsenhor Antonino Soares e Rachel de Queiroz.

### 3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

#### 3.1 Literatura: intenções e recursos

Na Antiguidade grega, Aristóteles (2005), ao refletir à relação entre literatura e realidade, chega a conceitos como os de *mimeses* e de verossimilhança, o primeiro correspondendo à reprodução artística da realidade, à imitação desta pela arte; o segundo remete à ideia de aparência do real ou da verdade.

Contemporaneamente, a relação em foco continua a ser objeto de reflexão. Roland Barthes (2004), por exemplo, diz que a literatura busca representar o real, apesar de este pertencer a uma ordem pluri-dimensional, e a linguagem, a uma ordem unidimensional. Esse fato invalida o paralelismo entre ambos, mas corresponde ao fazer da literatura. Para o autor, mesmo que a literatura se baseie em fatos reais, desenvolve-se por vias irreais, o que causa a ilusão referencial.

Ao mesmo contexto de reflexão acresce-se o papel desenvolvido pela memória na intermediação entre realidade e arte. Lembra Gabriela Alves (2004) que os estudos da memória envolvem informações resguardadas pela oralidade, recordação, subjetividade, dentre outros elementos subsidiários. O suporte desses estudos é, portanto, fincado na memória, tanto coletiva, quanto pessoal. Colocar a memória em evidência compete pôr em foco histórias fruto de acontecimentos realizados ou por realizar, que instigaram o autor a recriá-los numa dimensão ficcional ou suprarreal.

Assim, a memória corresponderia à capacidade do autor, enquanto ser humano racional, de armazenar fatos e de acessá-los voluntária ou involuntariamente durante o processo de criação/recriação dos acontecimentos dos quais trata. Os acontecimentos recriados com os elementos experimentados e resgatados pela memória bem podem ser percebidos como resultantes do desejo do autor de revivê-los tal como os experimentou no passado ou de revivê-los numa dimensão idealizada.

Nesse processo de elaboração a partir dos fatos da memória, a lembrança, muitas vezes, recoloca a esperança em fatos que talvez ela já

tenha perdido. Estudar a memória, portanto, ajuda também a presentificar o passado, a recriá-lo, como se pode inferir das palavras de Alves (2005 p. 42):

Os estudos da memória, especificamente, estão auxiliando tanto as análises acerca do presente quanto de fatos e tempos passados; estão se apresentando, em sua maior parte, como uma forma de fazer o tempo passado se presentificar; de construção e reconstrução social; de entender formas e representações simbólicas históricas; de entender tempos e espaços que necessitam de valores e significados culturais nem sempre em harmonia entre vividos e concebidos.

No trecho acima, percebe-se a importância hoje atribuída aos estudos da memória, especialmente no que diz respeito aos processos analíticos de fatos e tempos, na busca de se entender como “formas e representações simbólicas” de uma história vivida podem se fazer presentes em outras dimensões do fazer humano, como no caso de produção da obra literária. Isso ocorre porque a memória é a depositária de acervo de experiências e sensações que se tornaram mais significativas para o homem, considerando-se a distância entre o concebido e o vivido.

Acerca do importante papel desempenhado pela memória posiciona-se Paolo Jedlowski (2003, p.44):

[...] a memória é ainda aquilo que fornece aos indivíduos o sentido da própria colocação no tempo, interligando o passado, o presente e o futuro numa rede de afetos, de reflexão e de esperança, ainda que sabedores de que, na realidade, o passado não permanece mais idêntico a si mesmo; ao contrário, é incorporado seletivamente e reformulado constantemente, com base nas alterações das exigências da vida.

No pensamento acima, notam-se alguns elementos importantes à discussão do papel da memória na vida humana, dos quais é ela indispensável para: a) situar o indivíduo no tempo, possibilitando-lhe estabelecer relações entre as diversas etapas de sua vida (passado, presente e futuro), ou seja, à compreensão do fenômeno histórico; b) para estabelecer relações necessárias também à manutenção da unidade entre subjetividade (afetos) e objetividade (reflexão), promotora da capacidade humana de gerar e manter a esperança, elemento vital ao enfrentamento e superação de seus próprios limites.

Com base nessas reflexões, e considerando certa interseção entre os limites dos conceitos relativos à memória e à história, percebe-se a necessidade de se distinguir um do outro. O que irá caracterizar a memória é a capacidade de continuar viva a lembrança daquilo que foi vivido ou desejado, embora tais fatos situem-se no passado. “Um outro elemento que diferencia memória e história é a permanente renovação das lembranças, a forma como se relacionam, uma e outra, com o tempo.” (ALVES, 2004, p.44).

Com base no pensamento dessa autora, pode-se inferir que: a) são os fatos históricos que subsidiam imagens e sensações presentes na memória; b) as imagens e sensações dos fatos vividos, por sua vez, não se mantêm inertes na memória, mas variam dinamicamente influenciadas por novas experiências. Nesse contexto, a memória revela-se complexa, dinâmica, porquanto sujeita à eterna reformulação do passado, moldado com elementos de caráter social e individual.

### **3.2 Influência da memória na opções de vida de José Luís Lira**

O objetivo principal deste item é pontuar as principais influências sofridas pelo jovem José Luís de Araújo Lira, que foram responsáveis pela definição de seu perfil, em especial profissional e artístico, percebendo-se ambos os aspectos relevantes à compreensão de sua produção intelectual.

O autor em tela é o terceiro de cinco filhos do casal Izídio Ribeiro Lira e Luíza de Araújo Lira. Natural da cidade de Guaraciaba do

## *Letras*

Norte, desde cedo sentiu-se atraído pelas letras e pela justiça, ambas estimuladas desde o aconchego do lar e ao longo de sua juventude.

Muito jovem, Lira recebeu as primeiras lições escolares na sala da cozinha de uma tia, pois, descendendo de família humilde, não dispunha de recursos materiais para frequentar escola privada. Contudo, as limitações acadêmicas iniciais foram abundantemente compensadas por uma sólida formação moral, pois o autor teve o privilégio de receber dos pais o exemplo e os ensinamentos acerca das grandezas do ser humano, o que vem a marcá-lo indelevelmente, como se pode perceber anos à frente em seus discursos e livros, cujo exemplo se tem no discurso de posse do autor na Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará – ALMECE:

É certo, sou um privilegiado. Não posso, como muitos dos senhores, dizer: herdei esse dom de algum parente. Não sou de uma família de intelectuais, sou de uma família simples, dedicada ao cultivo da terra, todavia, as lições de vida, de coragem, o exemplo dado por meus pais, são os norteadores da ética como um todo. Seus conselhos ainda ecoam: ser honesto, trabalhador e procurar “ser gente”. (LIRA, 2010, p. 279).

Nascido em uma família de agricultores, estudando em escolas públicas, assim passou a infância o jovem Luís Lira. Homem feito, percebe e valoriza os conselhos e ensinamentos dos pais na educação familiar como sábios e os aproveita como sementes de boa qualidade, determinantes de suas escolhas de vida.

O exemplo de vida dos pais e seus respectivos conselhos sobre o cultivo de valores relativos à ética e aos bons costumes foram decisivos na escolha profissional de Lira, por sua opção pelo advocacia, curso superior no qual se formará posteriormente.

A assertiva baseia-se, em especial, na fala do próprio autor, em seu discurso de posse na presidência da Academia Sobralense de Estudos e Letras (ASEL), quando a figura dos exemplos familiares é lembrada, na verdade enaltecida, em especial pela qualidade da educação

que os pais do autor dispensam aos filhos, preparando-os para desempenharem papel responsável na sociedade:

Permitam-me, portanto, Senhoras e Senhores, manifestar agradecimentos muito especiais aos meus conterrâneos de Guaraciaba e, carinhosamente e feliz, aos meus amados pais, Izídio Ribeiro Lira e Luíza de Araújo Lira, que me ensinaram a seriedade e o compromisso que tento empregar em tudo o que faço. [...]. Meus pais se constituem espelhos para mim e eu procuro seguir suas pegadas [...]. (LIRA, 2012)

Os primeiros valores plantados na infância do autor germinam na sua adolescência fortalecidos por um outro exemplo de honra e de espiritualidade – Mons. Antonino Soares, então vigário da paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres, a quem Lira sempre reverencia carinhosamente como amigo, pai e orientador. Certamente o vigário de Guaraciaba do Norte contribuiu significativamente para o processo de formação do autor em foco e não só fortalecendo os ensinamentos éticos e morais recebidos no aconchego familiar, como poderemos constatar adiante.

Os ensinamentos do amigo e mestre reverendo foram mediados com o exemplo e com a palavra, pois foi Mons. Antonino Soares quem mais incentivou Lira à leitura de obras literárias, inclusive usando estratégias como a de pedir ao jovem amigo que lesse os romances de José de Alencar porque não tinha tempo para relê-los, mas queria recordá-los através do reconto e da opinião de Lira sobre eles.

A estratégia surtiu efeito positivo, pois depois das primeiras experiências de leitura dos textos artísticos, o jovem iniciante desenvolve o hábito da leitura e o gosto pela literatura, conhecendo outros autores e obras, sem mais depender das indicações do mestre vigário, como mesmo testemunha Lira:

Algumas vezes foi necessária tal recomendação, depois, naturalmente lhe pedia livros para ler. Foi

assim que conheci a obra de Machado de Assis, Manuel Bandeira, Carlos Drummond (sic) de Andrade, Euclides da Cunha, dentre outros consagrados mestres da nossa literatura, quando a presença do dicionário era quase sempre necessária (LIRA, 2010, p. 279).

Em uma dessas suas aventuras literárias, o jovem encontrava-se vasculhando a biblioteca do amigo Antonino à procura de algum livro que falasse sobre a seca no Ceará. Ele havia encontrado várias obras sobre o assunto, obras de autores como Rodolfo Teófilo, Senador Pompeu e Antonio Bezerra. Mais à frente ele encontra uma, cujo título o deixa curioso: **O Quinze**, de Rachel de Queiroz.

Quando o jovem começa a leitura da obra tem a impressão de que a autora conversava com ele, especialmente pela linguagem acessível, bem próxima da linguagem cearense. Testemunha Lira (2003) que a leitura do citado romance foi realizada sem que ele sentisse o tempo passar, demorando apenas dois dias. A partir de então, nasceu a necessidade de o autor conhecer mais sobre a musa cearense, que tão bem sabia falar da realidade e das necessidades do sertão nordestino.

Certo dia, o jovem Lira decide enviar uma carta para Rachel, contando sua vontade de conhecê-la. O tempo passa, até que o único telefone público da região toca. Na época utilizava-se sistema de ramais – uma telefonista recebia a ligação e a transferia ao ramal indicado. Quem atende à chamada telefônica é Izídio; do outro lado da linha, Rachel de Queiroz. Izídio passa o telefone para o filho, que atende emocionado ao ouvir a voz da autora que tanto admirava. E de admirador, José Luís Lira, com o passar do tempo, torna-se amigo da romancista cearense.

O caráter de Rachel de Queiroz não decepcionou Lira, muito pelo contrário. Aos poucos o jovem foi adentrando na vida da aclamada autora, indo sempre que possível visitá-la em sua casa no Rio de Janeiro ou na fazenda “Não me Deixes”, em Quixadá. Já formando em Direito pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR, ele teve a honra de tê-la como madrinha de formatura. Recorda Lira (2003) que, naquela



ocasião, certa amiga comentaria mais tarde, ao entrar na catedral com Rachel, os olhos do formando brilhavam de contentamento.

Os vínculos afetivos entre Rachel e Lira se iam fortalecendo a cada dia. A convite de Rachel, Lira a acompanha em eventos literários, e com o auxílio da escritora, vai conhecendo outros escritores consagrados de nossa literatura, dentre eles Antonio Olinto, Nélida Piñon, Murilo Mello Filho, dentre outros. Também ele, sempre que podia, tinha a honra de representá-la em alguns eventos, sendo até indicado pela mesma a uma vaga na Academia Cearense de Letras. A honra a ele dada foi retribuída quando Lira indica Rachel para ocupar uma vaga na Academia de Letras Municipais do Estado do Ceará.

Mais à frente, ao fundar a Academia Fortalezense de Letras, juntamente com a amiga Matusahila Santiago, convida Rachel de Queiroz para ser Acadêmica de Honra. Presencia momentos importantes da autora, como a homenagem que ela recebe da Academia Brasileira de Letras por ocasião de seus 90 anos. E foram muitos outros eventos e outras ocasiões imensuráveis em que ele esteve com a autora.

Tendo como recorte a memória do autor, agora será apresentada a memória do escritor, observando três pilares que serão lembrados em sua obra: seus pais; Mons. Antonino Soares e Rachel de Queiroz. Esses pilares serão refletidos em alguns de seus poemas e em obras biográficas dedicadas exclusivamente a um personagem, já que Rachel de Queiroz e Antonino Soares recebem um trabalho biográfico pelo autor em estudo. Nesse artigo serão trabalhados apenas os poemas de José Luís Lira que se refiram a um desses três pilares de sua memória.

### **3.3 Influências da memória na poesia de José Luís Lira**

Nesse item analisam-se amostras de poemas do autor em estudo, nos quais se apresentam traços memorialistas, sobretudo relacionados com pessoas que o marcaram indelevelmente, influenciando sua vida pessoal e sua obra ficcional: os pais, um amigo sacerdote e uma amiga escritora.

A importância das pessoas supracitadas na vida de Lira pode ser aferida por meio de sua produção intelectual (discursos) e artística

(poesia); na primeira, essas pessoas aparecem como figuras reais e históricas; na segunda, como objetos estéticos, numa clara demonstração da interface entre realidade (verdade) e arte (imitação da verdade, *mimesis* ou representação do real), nas perspectivas mais gerais de Aristóteles (2005) e de Barthes (2004).

Nos dois livros de poemas de José Luís Lira, **Algum Poema?** (2009) e **Outros Versos** (2011), seus familiares são lembrados, como o comprovam *Sítio Correios, Avós, A casa da Vovó, Primeiras Letras e Família*.

A perspectiva afetiva que Lira dá em seus discursos às pessoas amadas por ele, em especial a seus pais, repete-se em seus poemas. Nos discursos essa perspectiva como que parece mais tangível, imediata, real, enquanto nos poemas as referências adquirem uma conotação um tanto transcendente. Em ambas as produções são recorrentes as intenções laudatórias.

No poema *Pais*, por exemplo, a imagem dos progenitores é referida para homenageá-los tal como ocorre nos discursos do poeta, tanto quando de sua posse na Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará – Almece (LIRA, 2010), como de sua posse na presidência da Academia Sobralense de Estudos e Letras (ASEL). Nas referidas produções, Lira destaca os valores paternos.

O eu-lírico do poema acima citado, cujo trecho abaixo se apresenta, faz referência ao orgulho que sente em ser filho de Izídio Ribeiro Lira e Luiza de Araújo Lira, pais do autor; agradece-lhes o exemplo de pais, amigos e avós, numa clara interface entre o real e o ficcional:

E quem não se orgulharia de tê-los?  
Eu renunciaria ao maior dos impérios só para  
Ser filho de Izídio e Luizinha, modelo de pais,  
Amigos, avós... e só o que a fazer é dizer:  
Obrigado, obrigado, muito obrigado!  
(LIRA, 2009 p.15)

Em sua poética, Horácio (2004, p.56) argumenta que, para compor um texto poético, é necessário ater-se àquilo que está ao domínio do poeta, ou seja, tomar um “[...] tema adequado a suas forças:

poderem longamente o que seus ombros se recusem a carregar, o que aguentem. A quem domine o assunto escolhido não faltará eloquência, nem lúdica ordenação.” É o que acontece quando Lira toma como objetos poéticos elementos ou temas de sua história pessoal como fonte de inspiração para sua produção artística.

Lembra Alves (2005) que toda obra memorista, mesmo a de natureza ficcional, tenta presentificar os fatos do passado. Percebe-se isso também no poema *Praça Monsenhor Antonino*, dos quais foram retirados os versos abaixo:

Emocionado vou seguindo o trajeto,  
Com a impressão de que o Monsenhor viaja e logo  
voltará...  
Fosse isto concretizado, sorrindo o cumprimentaria.  
Até a próxima, Monsenhor Antonino,  
Mas, tenha certeza...  
Na minha memória, estás indelével...  
(LIRA, 2009, p. 38).

Como discutido na seção anterior, a partir do testemunho do próprio José Luís (LIRA, 2010), Monsenhor Antonino Soares foi de importância singular para que a paixão do poeta pela literatura aflorasse. No trecho acima, em especial, no 1º verso do 2º terceto, nota-se que o poema toma como objeto de decantação a pessoa do amigo religioso.

No poema em foco repete-se a tendência de o autor e o eu-lírico se confundirem, dando ao texto uma perspectiva quase autobiográfica. Isso ocorre quando a amostra poética revela traços de uma realidade experimentada pelo autor: as viagens e retornos do amigo, o encontro casual com ele, a pretensa despedida passageira, prevista no 1º verso do 2º terceto.

Mas no último verso do 2º terceto percebe-se claramente que a cena do possível reencontro dos amigos se dá exclusivamente via imaginação do eu-lírico, suscitada pela lembrança que ele tem do Monsenhor, o que remete ao pensamento de Barthes (2004), sobre o “efeito estético do real”.

Os versos permitem inferir-se que a memória desse eu-lírico e autor é estimulada por dois fatos, no mínimo: estar ele caminhando pela praça que leva o nome de seu mestre; estar comprometido afetivamente, como se revela quando o eu-lírico deseja o retorno do amigo falecido, mas ao reconhecer essa impossibilidade, promete conservá-lo a imagem na memória, numa condição indelével, ou seja, para sempre.

Henry Bergson (1990, p. 51) comenta que a memória está contida nos objetos, e que para fazer-se uso de certo fato recorre-se a ela, onde se acham gravadas as impressões e imagens mentais deles:

O que constitui o mundo material, dissemos são objetos, ou, se preferirem, imagens, cujas partes agem e reagem todas através de movimentos umas sobre as outras. E o que constitui nossa percepção pura é, no seio mesmo dessas imagens, nossa ação nascente que se desenha.

No poema *Praça Monsenhor Antonino*, Lira utiliza esse recurso de Bergson, que consiste em puxar fatos do passado associando-os a objetos. No caso do poema o objeto que instiga a memória do poeta, lembrando-o do amigo falecido, é a praça que leva o nome deste.

Para que as lembranças permaneçam na memória é necessário uma seleção dos fatos importantes para o indivíduo ou para um grupo de pessoas. A recuperação dos fatos vividos ou de passagens destes é que determina o não esquecimento deles, como defende Alves (2004).

Um outro fato importante que o eu-lírico de Lira (2009 p. 28) sempre relembra em seus versos é a amizade do autor pela escritora Rachel de Queiroz. O primeiro encontro de ambos é recontado no poema *Rachel de Queiroz*:

Num livro após ler tantos,  
Encontrei o linguajar do meu povo.  
Era fantástico. A cada página uma surpresa.

Nem o rito da Semana Santa

Afastou o vocacionado da leitura não religiosa.  
E o amor de Conceição e Vicente encantou o menino.

Vontade de novos livros da autora,  
Desejo de conhecê-la. Como fazer?  
Recorrer à porta da Esperança?

O tempo passou.

- Alô! É José Luís Lira?  
- Sim. Sou eu  
- Aqui é Rachel de Queiroz. Gostei de sua carta.

Surgiu a amizade.  
O mito ficou bem próximo. [...]  
(LIRA, 2009, p. 28)

Neste poema a lembrança do poeta volta-se para o dia em que o autor teve seu primeiro contato com a premiada escritora, fato verídico, real, como atesta o próprio autor (LIRA, 2003). Mais uma vez se infere que a atitude do autor tomando elementos históricos como objetos poéticos, corresponde ao seu desejo de presentificar o passado, sacralizá-lo. Segundo as palavras de Alves (2004, p. 65):

Querer sempre recuperar fatos, coisas perdidas, pode trazer o risco de ser nostálgico e melancólico, de erigir um culto à memória pela memória, sacralizando-a; é uma outra forma de torná-la estéril. O trabalho de luto, a realidade da perda, ajuda o indivíduo a liberar-se da angústia, possibilita-lhe saídas e libera-o da dominação da lembrança.

A atitude poética de recuperar o passado no poema acima não apresenta traços de melancolia, parecendo ser melhor interpretada sob a ótica de Jedlowski (2003), ao corresponder a uma determinação do afeto do poeta pelos seres reais por ele decantados, instigando-o a de-

## Letras

safiar as barreiras do tempo e interligar, com o auxílio do texto poético, passado e presente.

Parece natural que o escritor mergulhe em seu consciente em busca de lembranças e memórias para fazer delas fonte de inspiração e compor novas obras, mesmo que o artista faça automaticamente breve seleção daquilo que deve ser lembrado por escrito e daquilo que não deva ser lembrado, seguindo o pensamento de Le Goff (1984 p.95):

Algumas vezes limitamo-nos a observar que nosso passado compreende duas espécies de elementos: aqueles que nos é possível evocar quando queremos; e aqueles que, ao contrário, não atendem ao nosso apelo, se em que, logo que os procuramos no passado, parece que nossa vontade tropeça num obstáculo.[...] Por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo [...]

Fazendo a seleção de certos fatos da memória pessoal ou coletiva de um grupo, o artista tem em suas mãos o material necessário para a composição artística. E de fato a lembrança de fatos bons é um dos maiores patrimônios humanos.

Tal ocorrência remete à intrínseca relação entre arte e realidade, embora Aristóteles (2005, p. 28) afirme que a obra de um “[...] poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade”.

Os poemas *Pais* e *Rachel de Queiroz*, considerando-se os documentos que atestam o contexto histórico de fatos e pessoas por eles decantados, revelam traços de maior fidedignidade com o real, senão de maior efeito estético do real, como defende Barthes (2004).

Acresce-se que a escrita que se utiliza da memória também faz este recurso de não somente recontar o que aconteceu, mas também de acrescentar coisas que poderiam ter acontecido, o que não invalida os conceitos de *mimesis* e verossimilhança, por exemplo. O mesmo Aristó-

teles (2005) defende que a arte imita a vida quando seleciona partes de uma ação e não o todo para com ela elaborar o material artístico.

Em muitos dos versos, Lira demonstra tê-los criado com o intuito de preservar a própria história de vida, marcada pela presença de entes queridos. São poemas feitos com o intuito de chamar a atenção para a efemeridade da vida e em defesa do *carpe diem*, como ocorre no poema *Tempo*, onde se percebe a notória interferência das práticas jurídicas no material poético, em especial, nos versos 10, 12 e 16:

Bondade, para alguns;  
Para outros, desespero...  
Saudades e recordações,  
Guardadas no âmago da existência.

Memorável és tu e, porque és tão cruel?  
Em tua imponência, poderias ceder  
A oportunidade, de um retorno,  
Concedendo-nos uma segunda chance

Esperando tua manifestação,  
Peticiono-te. Espero-te na conciliatória...  
Passaste e recebo agora  
Tua implacável sentença:

Aproveite o momento, viva intensamente!  
Mergulhe na existência e não se perca...  
Não há retorno!  
Publique-se. Registre-se. Cumpra-se  
(LIRA, 2009 p. 70)

O texto poético acima muito revela das concepções de Lira em relação à vida e a muitos dos seus naturais eventos. Por exemplo, os fatos da memória, “saudades e recordações”, tanto podem ser vistos como recurso positivo (bondade) ou negativo (desespero) para quem os vivencia. Na perspectiva poética liriana, sobretudo no que se refere à sua lírica decantatória dos entes queridos, percebe-se a forte tendência do eu-lírico empregar a saudade e a recordação como recursos positi-

## Letras

vos, capazes de possibilitar-lhe “a segunda chance” da qual fala o poema acima.

Por outro lado, o poder que o eu-lírico atribui ao tempo diante da efemeridade que lhe é peculiar e da ação transformadora deste na vida humana, o tom peremptório que o tempo assume ao posicionar-se sobre a petição que eu-lírico lhe faz bem remetem ao discurso do juiz ao ditar uma sentença. Tais caracteres aludem claramente à formação acadêmica de Lira na área de Direito, à sua experiência profissional nesse âmbito.

Nos poemas de Lira aqui comentados constata-se a presença de dados da realidade; contudo, em *Praça Monsenhor Antonino* e *Tempo* esses traços parecem mais reduzidos face ao privilégio da subjetividade lírica.

Enfim, o real e o imaginado, o vivido e o idealizado nos versos de José Luís Lira, quer escritos/sentidos no passado, presentificam-se na clara faina que é o fazer literário.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na poesia de Lira encontra-se o passado vivido pelo poeta escoando-se como se fosse presente, isso ocorrendo via memória. Essa memória é estimulada pelo afeto do poeta pelas pessoas que mais o influenciaram: seus pais, Monsenhor Antonino Soares e Rachel de Queiroz. Os primeiros legaram-lhe o exemplo de eticidade e justiça, resultando na opção do poeta pela advocacia como formação acadêmica; os demais suscitando nele, em especial, o interesse pela literatura e pelo fazer literário.

Certamente, por conta da influência de tais pessoas, elas se tornam objetos decantados na poética de Lira numa perspectiva memorialista, fato que se torna mais evidente quando se comparam passagens da vida do poeta, registradas por ele em discursos ao público, com passagens dessa sua poética.

A maior aproximação entre história de vida, produção intelectual e produção artística em Lira possibilita constatar-se a interface entre o real e o ficcional mediada pela memória, ocorrência essa mais visível através do efeito estético do real. Ressalta-se, contudo, que dados



os limites deste artigo, deixa-se para novos estudos o aprofundamento investigativo da questão.

LITERATURE AND MEMORY IN POETRY  
OF JOSÉ LUÍS LIRA

*ABSTRACT - It is the old human's reflection about his doing and about his research to represent the reality. In terms of literary art, the oldest references about such reflection in the Western world date back to ancient Greece, where philosophers have come to define the basic concepts to study the issue. This article had its first goal to identify how reality is manifested in the literary text, curiosity was born from speaking authors such as Gabriela Alves (2005), Aristoteles (2005) and Roland Barthes (2004) about the relationship between literature and reality. To satisfy this curiosity, it was developed bibliographic research and it was elected to poetic Jose Luis Lira's poetic in which we applied and discussed the concentrated concepts around the memory.*

*Keywords: Reality. Literature. Memory. Jose Luis Lira.*

REFERÊNCIAS

ALVES, Gabriela Santos. **Lugares de Fronteira:** Literatura, história e memória. 2005. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória, 2005. Disponível em: <[http://www.ufes.br/ppgl/pdf/gabriela\\_santos\\_alves.pdf](http://www.ufes.br/ppgl/pdf/gabriela_santos_alves.pdf)> Acesso em: 28. NOV. 2012.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética Clássica.** Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: **O rumor da língua.** Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Cultrix, 2004.

## *Letras*

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

JEDLOWSKI, Paolo. Memória: temas e problemas da sociologia da memória no século XX. **Proposições**, Campinas, v. 1, n. 40, jan/abr, 2003.

LE GOFF, Jacques. Memória. **Enciclopédia Einaudi. Vol. 1 - Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LIRA, José Luís. **Informativo N° 01 - Mês de Março de 2011**. Disponível em:

<<http://academiasobralense.blogspot.com.br/2011/03/informativo-n-01-mes-de-marco-de-2011.html>> Acesso em: 21. NOV. 2012

LIRA, José Luís. **No alpendre com Rachel – ensaio biográfico de Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Cidadania, 2003.

\_\_\_\_\_. **Algum Poema?** Fortaleza: Edição do Autor, 2009.

\_\_\_\_\_. **De volta a Campo Grande**. Fortaleza: Edição do Autor, 2010.

\_\_\_\_\_. **Outros Versos**. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Antonio Olinto, 2011.